

V

Denise Costa de Almeida

“Não deixemos que o amor se agrave até tornar-se incurável”.

**“Eu queria te livrar
do tributo que pagavas
mostrar-te o enigma do êxtase
que tentasses resolvê-lo”**

**mas eu, em desespero, gritei:
Decifra-me ou te devoro!**

**Ela, em resposta,
inflamou seu corpo de leoa
erizou os pelos
e afiou
as unhas**

**(Ela tinha nas mãos
o louro das vitórias.)**

**Mas os oráculos eternamente vivos
esvoaçaram sobre ela**

**Insistiu em que nenhum mortal
poderia lhe devassar o futuro
atirou seu corpo no leito nupcial
arrancando os cabelos em desespero**

Eu tinha no rosto
o riso dos suplicantes
e revelei-lhe o destino
que a mim estava reservado

Ela arrancou das órbitas
os olhos
revolvendo e macerando
as pálpebras sangrentas

Um estranho temor, terror,
ou desejo
nos mantinha reunidos

Senti-me nela confundido
como se com ela tivesse compartilhado
de um único destino

Quando o sangue maculou o lençol
seu corpo de leoa tombou ferido
pelos golpes da fatalidade

Acariciei as pernas dela
sem piedade
estava perdida, em sono profundo,
desatada.

(Quem quer que haja ferido de prazer
o próprio corpo
que venha, por igual forma
ferir-me com a mesma audácia)

Ela queria que eu fosse para sempre maldito.